



Nossa "Chère Denise":
Entrevista com Denise Paulme¹

Miriam Pillar Grossi *

* Colaboração: Carmen Silvia Moraes Rial

Denise Paulme é conhecida entre nós pela edição dos cursos de Marcel Mauss no livro clássico “Manual de Etnografia”. Nascida em 1907, iniciou seus estudos de Antropologia com Mauss nos anos 30 e tornou-se grande especialista da África. Autora de vasta obra sobre diferentes sociedades fez seu primeiro trabalho de campo, em colaboração com Deborah Lifchitz, entre os dogon em 1934-35. Tendo iniciado sua carreira de pesquisadora no Musée de l’Homme, tornou-se professora na Ecole Pratique en Sciences Sociales nos anos 60, na qual lecionou a disciplina de “Antropologia da África Negra” durante 20 anos. Após sua aposentadoria, dedicou-se às inúmeras tarefas acadêmicas, entre as quais a de editar a obra de seu marido, falecido precocemente.

Nosso primeiro contato com Denise Paulme aconteceu num colóquio sobre Marcel Mauss, organizado por Marcel Fournier, na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em junho de 1997. Após sua intervenção, conversamos no intervalo e ela se mostrou disponível para gravar um depoimento. Depois, como quer a *politesse française*, escrevemos uma carta reiterando nosso interesse em entrevistá-la. Ela demorou mais de uma semana para responder e quando o fez foi por telefone. Poucas palavras, bem objetiva. Marcou um encontro no seu apartamento num dos edifícios antigos da Place Rungis, um lugar afastado do centro de Paris, no 13ème arrondissement, perto do Parc de Montsouris e da Cidade Internacional Universitária. Local cheio de significados para os estudantes estrangeiros em Paris como nós, e também pedaço onde viveu Marcel Mauss nos seus anos de professor do Collège de France. Lá desembarcamos com filmadora

e gravador à mão, numa manhã ensolarada mas bastante fria, no dia 13 de outubro de 1997. Sem restrições, ela aceitou ser filmada. A entrevista foi realizada na sala contígua a seu escritório, uma peça ensolarada com móveis antigos, uma ampla estante de livros e na qual havia um grande quadro de Joan Miró sobre o sofá, testemunho da amizade que uniu antropólogos, surrealistas e outros artistas de vanguarda no período do entre-guerras. Depois de cada pergunta, refletia 10 segundos antes de responder, sempre com extrema lucidez, como se estivesse lendo um texto. Foi lacônica apenas em uma pergunta sobre sua vida particular – se conhecia André Schaeffner antes de partir com ele na excursão Saara/Sahel em 1932 –, a qual respondeu afirmativamente e com certo embaraço. Mudamos de assunto. Passado algum tempo, olhou no relógio – um sinal para propormos uma interrupção e agendarmos um outro encontro. Já na parada do ônibus 67 onde fazíamos comentários sobre a lucidez de nossa informante, nos demos conta de que ela tinha falado durante mais de uma hora, sem intervalo. Para alguém próximo dos 90 anos, não deixava de ser um excesso e quase nos sentimos culpadas de ter-lhe exigido tanto.

Nosso segundo encontro, duas semanas depois, foi mais amistoso. Antes, havíamos enviado uma fita com a gravação de uma entrevista que ela havia dado há alguns anos na rádio France Culture (que ela nunca tinha conseguido escutar pois a emissora queria lhe cobrar absurdos 100 francos pela cópia). Logo na chegada, ela nos entregou uma fotografia, em que aparece com *shorts* e com o *salakoff* que os colonizadores europeus usavam na África, e um exemplar do livro “Lettres de Sanga”, com as cartas que escrevera a André Schaeffner durante seu primeiro trabalho de campo entre os dogon. Nós lhe demos um colar indígena, que ela rodou entre os dedos com uma certa fascinação, fez perguntas sobre sua origem e agradeceu. A entrevista, dessa vez, foi mais breve. E ao final, esgotadas as perguntas biográficas e antropológicas, respondeu às questões atuais. Seus olhos se emocionaram quando perguntamos sobre a África atual. Mais uma vez, mudamos de tema. Encerrado esse segundo contato, ela se mostrou muito interessada pelo tipo de antropologia que fazíamos, uma vez que lhe contamos que estudávamos a sociedade francesa, e nos pediu para ler algo que havíamos escrito. Enviamos uma primeira versão de um artigo sobre a moradia dos estudantes nos pequenos apartamentos de Paris. Também pelo correio recebemos, alguns dias depois, um cartão cheio de observações e comentários elogiosos sobre nossa forma de olhar

a vida parisiense com tanto estranhamento. Denise Paulme morreu quatro meses depois, em fevereiro de 1998. Nosso último encontro deu-se no imponente prédio do crematório do cemitério Père Lachaise, onde alguns dos mais importantes antropólogos franceses se reuniram numa manhã cinza de fevereiro de 1998 para homenageá-la. A cerimônia de cremação foi longa, gelamos todos dentro daquele templo laico, ouvindo as músicas que a fundação Schaeffner selecionara para serem tocadas. De tempos em tempos, uma jovem se erguia e lia um trecho do livro mais pessoal de Denise Paulme, o mesmo que nos presenteara. Então, o frio profundo da gélida sala era invadido por suas imagens do deserto, da noite sob estrelas, de máscaras e portas esculpidas e de aventuras na África.

O texto que segue se compõe das partes mais significativas do depoimento que Denise Paulme nos deu. Ele parece muito ilustrativo da trajetória das antropólogas de sua geração.

Primeira etnografia: uma escola de datilógrafos

Miriam: O que a senhora estudou antes de cursar Antropologia?

Denise: *Nunca pensei que fosse me tornar etnóloga. Quando criança, sempre ouvi falar da África. Meus pais haviam vivido na Costa Ocidental, e meu pai era agente da Companhia de Navegação dos Carregadores Reunidos. Portanto, juntamente com minha mãe, eles conheceram todos os portos franceses da África Ocidental: Dakar, Conakri, Abdjan, Cotonou, pois não existia ainda o Bénin (era Dabomey) até o Gabão, Port Gentil. Tinha 10 anos quando eles voltaram à França e se fixaram em Paris, me buscando para viver com eles.*

Miriam: Sua mãe viajava com seu pai?

Denise: *Minha mãe nunca deixava meu pai. Eu era filha única e minha mãe me confiou à sua irmã que foi, portanto, uma verdadeira mãe para mim durante meus 10 primeiros anos e à qual permaneci muito ligada. Nessa época, não se levava crianças à África, por causa do clima isso era impensável. Mas escreviam cartas e minha tia falava muito dos meus pais. Como disse, tinha 10 anos quando eles se estabeleceram em Paris e me retomaram para viver com eles. Os amigos de meus pais eram pessoas que haviam vivido na África. E, mais significativo, meus pais haviam trazido um*

empregado, um rapaz do Bénin (Dahomey) que trabalhava como empregado doméstico e vivia conosco. Para mim foi muito importante, pois o apreciava muito.

Miriam: Isso aconteceu em que época?

Denise: Foi nos anos 20.

Miriam: Qual foi a sua formação acadêmica?

Denise: *Estudei Direito. Depois do Bac², meu pai me explicou que, como não dispunha de fortuna, não poderia me constituir um dote, o que era muito raro na época, pois para poder casar era necessário ter um.³ Mas ele podia me assegurar os meios para que eu pudesse garantir minha independência trabalhando. Ele só imaginava um trabalho para uma mulher, como profissão, o de secretária comercial. Ele não gostaria que me tornasse professora, pois tinha como imagem as minhas professoras no liceu Molière, todas velhas solteironas em fim de carreira, e não desejava que sua filha seguisse esse mesmo tipo de existência. Portanto, depois do bacharelado, entrei em uma escola comercial do tipo free-lance.⁴ Neste local, passei seis meses e aprendi a bater à máquina como uma profissional – o que me foi muito útil depois (risos)–, a estenografia e um pouco de inglês comercial. Obtive, assim, um bom diploma. Depois disso pude procurar um trabalho de secretária e, de fato, onde fui trabalhar éramos todos datilógrafos. De repente, encontrei-me num meio para o qual não estava preparada. Não era absolutamente o ambiente de minha infância: bem protegido, entre a família e o liceu, quando lia muito e me sentia muito bem. Estava num meio de pequenos empregados, de datilógrafos, de contadores, etc. e, para mim, isso era totalmente estrangeiro. Aliás, meus colegas o sentiam e me mantinham à distância. Desse modo, vivi, nesse período, bem isolada. Mas isso foi útil posteriormente, pois foi, de fato, minha primeira experiência de etnógrafa, sem que me desse conta na época. Assim, trabalhando durante o dia, me inscrevi na faculdade de Direito. Era possível seguir toda a faculdade, até a licenciatura, sem nela pisar, apenas realizando todos os exames. Os cursos eram fotocopiados e se trabalhássemos com afinco 15 dias antes dos exames podia dar certo. Foi assim que fiz meus primeiros anos de Direito. Foi nessa época, em 1929 ou 1930, que aconteceu o que viria a ser a sorte de minha vida: uma grande depressão econômica, pois assim se despediram muitos empregados. Para mim não foi absolutamente dramático ter sido despedida, pois vivia com meus pais e tinha assim muito tempo livre.*

Freqüentava bastante a biblioteca da faculdade de Direito e vagava pelas livrarias do Boulevard Saint Michel. Foi assim que certo dia, no corredor da faculdade, vi um cartaz do Instituto de Etnologia que anunciava um curso de Direito Primitivo, ministrado pelo professor Marcel Mauss. Decidi averiguar, pois a única matéria que me interessava até então era o Direito Romano, sobretudo a história do Direito francês onde nos falavam do Direito na Idade Média, da constituição da família e dos direitos à propriedade. Foi desse modo que fui ao curso de Marcel Mauss, cujo nome não me dizia nada.

Mauss: sempre um estudante

Miriam: Conte-nos como foi esse encontro.

Denise: *(risos)* Nada me havia preparado para o que escutaria. Saí do curso e era como se caminhasse sobre nuvens. Havia uma liberdade de argumentação à qual ninguém me havia prevenido. Decidi retornar e o encantamento persistiu. O curso acontecia duas vezes por semana no Instituto de Etnologia que estava abrigado no Instituto de Geografia, que existe ainda na rua Saint Jacques, bem perto da faculdade de Direito.

Carmen: O que a senhora quer dizer com “liberdade de pensamento”? Como se desenvolviam os cursos de Mauss?

Denise: *Os cursos ocorriam no grande anfiteatro do Instituto de Geografia, um anfiteatro com estrado, duas vezes por semana, no final do dia. Eles eram anunciados com uma duração de uma hora, mas seguidamente se prolongavam e ninguém protestava. Mauss tinha seus papéis mas ele não os consultava, era um discurso oral com muitos parênteses, de exemplos retirados freqüentemente da vida cotidiana. Isso fazia com que o curso fosse extremamente ‘vivo’, e não se parecia absolutamente com nada que tinha feito na Faculdade de Direito. As aulas de Mauss eram magistrais, com numerosas referências bibliográficas, muitas vezes erradas. Quero dizer, havia sempre alguma coisa errada: ora era o nome do autor que estava correto mas o título da obra não estava exatamente conforme a realidade, ou então era o ano da edição que estava incorreto. Para ele, isso não tinha tanta importância.*

Carmen: A senhora poderia citar os exemplos que Mauss retirava da vida cotidiana?

Denise: *Por exemplo, a propósito do Direito à herança, ele explicava que em algumas sociedades a herança se fazia segundo a linhagem do pai e em outras segundo a linhagem da mãe. Explicava que não é assim na nossa sociedade, e dizia: "Porque eu deveria herdar o espartilho de minha avó?"⁵ Esse exemplo servia para mostrar que, na França, não existe um direito como em certas sociedades, onde as mulheres herdam das mulheres e existem bens femininos, o que não é o caso em nossa sociedade.*

Miriam: Quem eram os estudantes dos cursos de Mauss? Qual era a atmosfera dos cursos?

Denise: *Existia um pequeno grupo de fiéis que se encontrava no Museu de Etnografia, o atual Museu do Homem, na praça do Trocadéro. Rapidamente, comecei a seguir os cursos de Mauss, dados também na Escola Prática dos Altos Estudos, na Sorbonne. Ali ele sentia-se em casa, com um número de estudantes mais restrito. Nos éramos cerca de 10 ou 15, e esse era o curso dado desde o início de sua carreira, pois ele tinha sido nomeado muito jovem como agregado na seção de ciências da religião na Escola Prática dos Altos Estudos. Os cursos eram realizados em uma pequena sala e todos sentavam-se ao redor de uma grande mesa, ou seja, Mauss estava no mesmo plano, materialmente falando, que seus auditores.*

Miriam: Era comum nessa época esse tipo de seminário?

Denise: *Quando foi nomeado no Colégio da França, pediu uma pequena sala com uma grande mesa, pois fazia questão de estar na mesma altura que os seus auditores. Ele a teve durante um ou dois anos, mas não pôde guardá-la por causa de uma afluência enorme de auditores e precisou dar seus cursos num anfiteatro. Mauss o fazia no Instituto de Etnologia. Havia sempre muita gente no Colégio da França, pois a entrada sempre foi livre.*

Miriam: Antes de voltarmos aos seus trabalhos de campo, gostaria que falasse um pouco da formação dos estudantes nessa época?

Denise: *No Instituto de Etnologia havia Lévi-Bruhl como presidente, Rivet e Mauss como secretários. A reunião desses três personagens era algo incrível, pois cada um tinha seu temperamento bem diferente dos outros. Notadamente, Mauss e Rivet, é difícil*

imaginar duas personalidades tão diferentes. Rivet era um ex-médico militar que tinha participado de missões na América do Sul antes de ser nomeado ao Museu do Homem onde possuía a cadeira de Antropologia, e era diretor do Museu de Etnografia. Ele concluiu uma obra importante, a quem devemos a transformação do Museu de Etnografia em Museu do Homem. Era um homem muito prático, que tinha um bom sentido da realidade, e demonstrou isso realizando uma obra importante (o Instituto de Etnologia). Mauss era de temperamento inteiramente diferente. Eles se observavam mutuamente e me parece impressionante que tenham compreendido que, para fundar o Instituto de Etnologia, tinham necessidade um do outro, que ambos eram necessários. Bem, isso dito, é verdade que Rivet considerava Mauss como um velho estudante, estilo de vida que manteve a vida inteira. Rivet achava que Mauss não tinha feito uma carreira brilhante, pois a Escola de Altos Estudos não era a Sorbonne. As coisas mudaram um pouco quando Mauss foi nomeado para o Collège de France. E Mauss via em Rivet o homem prático, necessário, mas não diria que ele não estimava Rivet, mas lhe julgava. Lévi-Bruhl tinha o ar de um velho gentleman inglês, se é que posso dizer assim (risos). Era um homem de uma extrema cortesia, um senhor de idade. Ele via tudo isso de uma certa distância. Do ponto de vista profissional, Mauss não concordava inteiramente com Lévi-Bruhl, evidentemente, mas reconhecia sua presença e o fato é que tínhamos necessidade de sua personalidade para a fundação do Instituto.

Miriam: Foi nos anos 50 que iniciou-se uma formação específica em Etnologia?

Denise: Não, foi bem mais cedo, sobretudo com o trabalho de Leroi-Gourhan. Ele aparece em 1934/35 e faz parte dessa primeira geração à qual pertencemos. Ele obteve rapidamente seu lugar no Museu fundando o Departamento de Tecnologia, que ministrava uma formação em Etnologia para a qual, aliás, nos havia convidado. Assim, havia um pequeno grupo que se formou em torno dele e que permaneceu-lhe fiel. De modo que, antes da Escola de Altos Estudos e da criação da sexta seção (da EPHE), já havia um núcleo de antropólogos bem desenvolvido na França.

Miriam: Qual era a relação da Antropologia inglesa e norte-americana nessa época?

Denise: As trocas acadêmicas eram bem menos comuns na época. Evidentemente, li bastante os autores ingleses, as grandes monografias, os autores como Haddon ou

Rivers, etc. que admirava muito e penso, aliás, que isso deve ter aparecido no que escrevi depois. Lembro-me que, quando do nosso regresso da missão entre os dogon, em 1936, Deborah e eu queríamos ir a Londres para ver o British Museum e sua coleção africana. Contatei, naquele momento, colegas ingleses como Meyer Fortes e Evans-Pritchard, com quem mantive, posteriormente, sempre boas relações. Lia correntemente o inglês, o que evidentemente era uma grande vantagem em relação aos meus colegas franceses. Com os americanos, tive boas relações com Herskovits, que esteve diversas vezes na França, por razões pessoais, eu creio, pois não lecionava aqui.

Miriam: E com antropólogos americanistas a senhora teve também contato? E com o Brasil?

Denise: *Não, não tive contato com o Brasil, mas lamento muito. Conbeci um homem que respeitava infinitamente, que era Roger Bastide. Nos simpatizamos mutuamente e participamos de várias bancas de exames. Falamos sobretudo do Benin, e tínhamos um amigo em comum, Pierre Verger.*

Miriam: Retornando ao lado teórico de sua obra, a senhora falou da importância da obra de Mauss na sua vida e sobre sua iniciativa em publicar o “Manual de Etnografia”.

Denise: *Penso que publicando seu trabalho, na medida dos meus meios, quitei o que era uma verdadeira dívida para com nosso mestre. Era muito importante publicar suas instruções de pesquisa. Certamente, se ele mesmo tivesse redigido, o faria de outro modo. A obra de Mauss consiste sobretudo de artigos e de resenhas publicadas no “Année Sociologique”, pois nunca escreveu um livro completo.*

Miriam: A senhora começou a estudar Etnologia no início dos anos 30? E depois, como passou de estudante a pesquisadora?

Denise: *Foi em 1932. Depois de algum tempo assistindo ao curso de Mauss, dois ou três meses, tomei coragem e o abordei na saída. Ele saía sempre acompanhado por estudantes, pois de fato seus cursos continuavam pela rua. Disse-lhe, então, o quanto seus cursos me interessavam e que desejava seguir nessa direção. Ele foi muito gentil e*

disse: “Se você deseja realmente trabalhar com etnologia, há duas coisas indispensáveis: saber o hebreu e o sânscrito”. Foi um pouco duro ouvir isso.

Miriam: A senhora seguiu os seus conselhos?

Denise: (risos) Não. Mas ele deu também outro conselho, mais prático e realista, o de ir ao Museu do Trocadero e oferecer meus serviços ao Dr. Rivet, então diretor, e a seu assistente, Georges Henri Rivière que realizavam uma renovação, limpeza e atualização do antigo de Museu de Etnografia. Refaziam-se, portanto, as vitrines e para isso apelava-se por assistentes e voluntários pois, evidentemente, não havia muita verba para efetuar essa renovação. Foi assim que propus meus serviços e, sem nenhum problema, me encarregaram dos objetos africanos pois já os conhecia um pouco. O primeiro trabalho que tive de efetuar foi o registro de uma coleção que Rivière acabara de adquirir do governo, objetos que haviam sido mostrados na exposição colonial de 1931, em Vincennes. Uma parte desses objetos vinha da África e foi desse modo que acabei manipulando objetos africanos, entre eles, máscaras, especialmente dogon, sem saber que em breve as veria em ação, no campo, na África. Assim, minha carreira se fez naturalmente: obtive o diploma de Etnologia sem problemas e continuei a trabalhar no Museu, caritativamente no início. Depois, terminei minha licenciatura em Direito, o que foi muito útil para seguir a carreira de Etnologia pois, em 1934, apresentou-se a possibilidade de uma bolsa de doutorado que a Fundação Rockefeller oferecia a um estudante de Etnologia para redigir sua tese. Ora, ocorria que era a única, no pequeno grupo ao qual pertencia, que tinha um diploma de licenciatura, o que permitia fazer o doutorado. Não quero dizer com isso que fosse a mais adiantada nesse campo, mas era a única que possuía o diploma acadêmico. Foi assim que pude postular essa bolsa, que obtive sem dificuldade, com o apoio de Mauss, do Dr. Rivet e de Lévi-Bruhl que era o presidente do Instituto de Etnologia e que era um homem delicioso (risos). Obtive essa bolsa que me permitiu acompanhar a missão Saara/Sudão que Marcel Griaule pretendia conduzir na região dogon, para completar as informações que ele havia recolhido em 1931, durante a expedição Dakar/Djibouti, para sua tese sobre as máscaras dogon. Desse modo, pude partir pela primeira vez para a África com essa bolsa que repartia com minha amiga Deborah Lifchitz, que era lingüista. Sim, porque era impensável que uma jovem e iniciante ficasse vários meses sozinha em um vilarejo

africano. Na época, era inconcebível e, de fato, não teria sido razoável. Nós nos entendíamos muito bem. Deborah se interessava por línguas, particularmente semíticas e era aluna de Marcel Cohen, titular da cátedra de amárico na Escola de Línguas Orientais. Portanto, como aluna de Cohen era colega de Marcel Griaule, e por isso foi convidada a participar da missão Dakar/Djibouti à qual se juntou na Etiópia. Tinha, portanto, uma experiência de campo que me faltava na época. O que explica que para as duas, o projeto era razoável. Ela era polonesa e obteve a nacionalidade francesa rapidamente, sem problema e estava completamente estabelecida na França – mas isto não impediu sua deportação durante a ocupação.

Os anos heróicos: o trabalho de campo na década de 30

Miriam: Como se fazia o trabalho de campo nessa época?

Denise: *Em princípio íamos de barco (para a África) mas, dessa vez, atravessamos o Saara porque Griaule havia obtido dois caminhões com a Renault, em troca de publicidade. Isso nos tomou algo como 15 dias. Devo dizer que nunca senti tanto frio à noite como no Saara. Isso acontece em janeiro de 1935. E guardo uma lembrança absolutamente maravilhosa, as noites no Saara são fantásticas.*

Havia dois caminhões. Nós éramos sete ou oito pessoas. Com Marcel Griaule estava André Schaeffner, que era musicólogo e com quem me casei mais tarde. Eu o conhecera no retorno da excursão Dakar/Djibouti, no Museu do Homem, quer dizer, na época era de Etnografia. Nós já nos conhecíamos. Havia dois assistentes de Griaule, Eric Luten que nunca publicou nada, e Larget, um velho mecânico e motorista, que era assistente de Griaule. Foram, ainda, Solange de Ganay que se juntou à expedição mais tarde, e um cineasta, Roger Murlan, um rapaz simpático, com quem Griaule queria fazer um filme – e ele o fez, o que era uma inovação – sobre a saída das máscaras dogon. E também Hélène Gordon, que era jornalista e que depois se tornaria Madame Lazareff, pois casou-se com Paul Lazareff, e foi quem criou e editou por muito tempo a revista ELLE. Griaule e seus companheiros permaneceram um mês mais ou menos no lugar, o tempo de rodar o filme. Depois disso, eles partiram e nós permanecemos, Deborah e eu, sozinhas, até o mês de outubro. Estava previsto que ficaríamos enquanto durasse o dinheiro.

ILHA

Miriam: Custava muito caro um trabalho de campo na época? Era preciso pagar aos grupos pesquisados?

Denise: *Sim, tinha-se de pagar aos informantes. Inicialmente, ficávamos alojados pela administração (francesa) em uma casa colocada à disposição de funcionários ou de pessoas de passagem, chamada de "campement". Não tivemos problema de alojamento. Havia os informantes, que nós pagávamos, evidentemente – os intérpretes que estavam ali permanentemente, que eram também informantes, e os informantes ocasionais que pagávamos ou oferecíamos o equivalente a uma galinha.*

Miriam: Como foi a entrada das mulheres na disciplina de Etnologia na França?

Denise: *Ela foi bem precoce. No fundo, tenho a impressão de que nunca houve problemas. Não havia diferença entre os homens e as mulheres que realmente desejavam trabalhar com etnologia.*

Miriam: E a língua? Sei que essa é uma grande discussão entre antropólogos franceses e anglo-saxões. A senhora sabia a língua antes de partir?

Denise: *Não havia um modo de aprender seriamente a língua dado, mas, sim, Deborah aprendeu, enquanto lingüista. Meu objetivo era o de reunir material para uma tese de Direito. Portanto, não podia passar muito tempo aprendendo a língua, pois o objetivo era o de reunir materiais. Ainda assim, me esforcei em aprender algumas palavras. E posso dizer que, no fim da minha estadia, podia compreender o sentido geral de uma conversa, mas falava muito mal, algumas fórmulas de gentileza, nada muito além. Tínhamos à nossa disposição uns meninos recém-saídos de uma escola francesa que existia em Sanga mesmo – não lembro se havia meninas também –, que falavam francês razoavelmente e, portanto, podiam nos servir de intérpretes. Existiam também no vilarejo, homens que falavam francês, que tinham trabalhado na cidade ou que eram antigos combatentes. De modo que o problema da língua não era particularmente importante, mas claro que existia. Todos os contos, nós os recolhemos em dogon.*

Miriam: Havia homens dogon que falavam francês, mas não mulheres. A senhora se preocupou com as mulheres, nessa época?

Denise: *Meu grande arrependimento, evidentemente, foi o de não ter podido trabalhar com as mulheres, pois nenhuma falava o francês. E, por outro lado, não sei bem como*

elas viam duas jovens, sozinhas – sem homens (risos) – que levavam uma existência que não era a de uma mulher dogon. De fato, nos conduzíamos como seus companheiros masculinos e usávamos shorts, pois era mais cômodo. Entrávamos em lugares que eram proibidos, em princípio, às mulheres, como as cavernas onde eram conservadas as máscaras que não estavam mais em uso. O grande assunto da conversa entre Deborah e eu, à tarde, era de saber como nossos amigos nos viam. E confesso que não tenho uma resposta precisa a fornecer sobre essa questão. Posso dizer que eles foram verdadeiramente muito afetuosos conosco, nos cobrindo de cuidados, chamando atenção seguidamente pelos longos trajetos que fazíamos, para que não nos cansássemos, etc. Eles velavam por nós verdadeiramente, como se fossemos bebês (risos). Fomos muito bem protegidas durante o campo.

Miriam: A senhora foi estudar questões relativas ao direito entre os dogon. O que o campo lhe ensinou de mais importante?

Denise: *Essa é uma vasta questão. Recolbi o material para a minha tese de Direito, que publiquei em 1940, sobre a organização social dos dogon: as regras relativas à estrutura de parentesco, as propriedades fundiárias.*

Miriam: A senhora voltou e defendeu sua tese. E foi contratada quando pelo Museu do Homem?

Denise: *Não me recordo muito bem. No momento da transformação do Museu de Etnografia em Museu do Homem, havia alguns cargos previstos e fui nomeada como assistente e, como tal, encarregada do departamento da África Negra, conjuntamente com Michel Leiris, que não era pago. Era do quadro de funcionários do Museu Homem e permaneci assistente até 1957, quando me tornei professora e orientadora na Escola Prática de Altos Estudos. Minha carreira foi muito simples, passei 20 anos, de 1937 a 1957, no Museu do Homem, e depois 20 anos, de 1957 a 1977, na Escola de Altos Estudos, momento em que ensinava Etnologia da África Negra.*

Miriam: A senhora apresentou um trabalho em Lisboa, em 1947, sobre as jovens kissi? Vocês freqüentavam congressos no estrangeiro?

Denise: *Enviei um texto mas não fui a esse congresso. Havia o Congresso Internacional de Ciências Antropológicas, ocorridos de quatro em quatro anos. Em 1934, foi em Londres, depois, em 1938, em Copenhague e, em seguida, houve a guerra. Em 1938,*

deveria ter ido mas não havia verba suficiente. Minha colega Georgette Soustelle e eu deveríamos ir, mas foi decidido que as mulheres não iriam. Os homens foram, incluindo meu marido.

Miriam: Quando vocês se casaram? A senhora foi muitas vezes a campo com o seu marido?

Denise: *Casamos em 1937, algum tempo depois de meu retorno da África, já que voltei no final de 1935. Depois da guerra, nosso primeiro desejo foi o de retornar ao campo. E assim, fomos em 1945 aos kissi. As verbas eram modestas, como sempre foram, e não lembro com que dinheiro partimos. Creio que era uma bolsa do Instituto Francês da África Negra que acabara de ser fundado em Dakar. Partimos só os dois.*

Miriam: Já falamos bastante do seu primeiro trabalho de campo. Gostaria que falasse das outras pesquisas que a senhora realizou na África: os kissi, os bété, os baga, os ati. Na primeira vez, Deborah lhe acompanhou, nos outros o seu marido.

Denise: *Penso que a comparação entre duas sociedades diferentes é muito esclarecedora. Não lembro mais qual mestre, se Boas ou Malinowski, dizia que deveríamos trabalhar ao menos com duas sociedades, pois aparecem diferenças e semelhanças. Isso nos dá uma espécie de terceira dimensão. Trabalhei com quatro ou cinco sociedades, cada uma com uma fisionomia própria, que não se pode confundir, mas todas têm pontos em comum. Para simplificar, diria que existem pontos particulares a uma sociedade dada e existem outros que ela reparte com outras sociedades africanas. Além disso, existem características universais pois os homens são homens em todos os lugares, portanto suas reações são sempre as mesmas. Então, após a guerra, tínhamos pressa de partir para a África e fomos, de algum modo, prisioneiros durante toda a ocupação. Escolhi os kissi por uma razão muito prática. O Museu do Homem possuía uma importantíssima coleção de estatuetas em pedra, geralmente de tipo antropomórfico, que estavam classificadas como provenientes da região dos kissi, na Alta Guiné, na fronteira com a Sierra Leone e a Libéria. Ora, as estatuetas em pedra são, de um modo geral, muito raras na África. E essas estátuas apresentavam características artísticas bem diversas umas das outras, parecia haver vários estilos. Mas, não tínhamos nenhuma informação sobre a data exata dessas estatuetas, que eram – e continuam sendo – desenterradas por cultivadores. Portanto, não tínhamos informações sobre a idade dessas estatuetas. Esperava poder resolver esse problema. Devo dizer logo que*

fracassei, pelo fato justamente de que as estatuetas são desenterradas quando se vai cultivar um campo, assim, não se têm informações sobre sua origem. Mas, ao invés disso, descobri coisas muito interessantes sobre o emprego dessas estatuetas. Muitas são encontradas nos vilarejos, na praça central, geralmente dentro de uma bacia em pedra. São estatuetas cuja identidade não foi determinada, mas ao lado dessas ditas “nuas” existem as “vestidas” que servem para a adivinhação. As coisas se passam do seguinte modo: uma estatueta é desenterrada durante um trabalho e um parente ou membro do vilarejo declara que, em sonho, viu que aquele que tinha voltado era fulano, um parente da família ou um morto recente. Ou ainda, para reconhecer a identidade dessas estatuetas, se chama um outro, que já voltou, identificado e vestido, que durante uma cerimônia de adivinhação vai indicar a identidade do novo ancestral reencarnado. A adivinhação se faz do seguinte modo: a estatueta é colocada sobre uma maca, como o próprio morto, e é carregada por dois homens que a mantêm sobre suas cabeças e a estatueta responde sim ou não às perguntas que lhe são dirigidas. Uma vez reconhecida sua identidade, é conservada por um guardião. A ela se oferecem, de tempos em tempos, sacrifícios e também é interrogada: “Posso viajar?”, “Meu filho está doente, será que vai se curar?”, “Por que ele está doente?, Será que negligenciei não fazendo as oferendas necessárias aos ancestrais? Ou é alguém que me deseja mal e que amaldiçoou meu filho?”. Portanto, as estátuas fazem parte da vida dos kissi e têm um papel muito importante. Além disso, os kissi são uma população muito interessante, são bons cultivadores de arroz, que cultivam sem replantar as sementes. As chuvas são bem abundantes para que os grãos possam crescer fora dos pântanos, a cabeça permanece ainda assim no ar e chega à maturidade. Chamei os kissi de “as pessoas do arroz” (“les gens du riz”) no volume que consagrei-lhes, pois o arroz é sua preocupação primeira, talvez seja a palavra que mais aparece no seu discurso e em uma conversa: as diferentes espécies de arroz (eles possuem mais de 20), o arroz tardio, o arroz precoce, como cultivar, qual é o gosto do arroz, ou então o modo de cozinhar – confesso que não víamos uma grande diferença, mas para eles é muito importante. Ou seja, o arroz está no centro de suas preocupações e creio que é isso que os distingue. Foram duas as nossas estadias, em 1945/46 e em 1948/49. Devo dizer que o retorno foi muito esclarecedor, pois na nossa segunda estadia reencontramos nossos informantes e percebi que estavam muito contentes de nos rever, sobretudo porque na nossa ausência não tiveram trabalhos suplementares e a administração colonial não os incomodara pela nossa presença. Ou seja, tínhamos sido aceitos. Pude recolher muitas informações, inclusive um informante me disse: “Eu tinha lhe dito que era assim, mas não é

exatamente assim que acontece, eu não a conhecia bem, por isso não podia lhe contar tudo” e me deu uma nova versão dos fatos, particularmente sobre a bruxaria, que é uma preocupação central dos kissi, como creio ser em inúmeras sociedades do mesmo tipo.

Miriam: E depois dos kissi?

Denise: *Depois dos kissi queríamos muito continuar com os seus vizinhos, os guéré e os tomas, porque muitas das suas instituições teriam vindo desses vizinhos, como a iniciação dos meninos que se chama em kissi “fazer o toma”. A iniciação comporta, para o menino, a circuncisão, quando há um isolamento dele no momento de sua adolescência. Queríamos muito ter trabalhado com os tomas, mas não foi possível pois, um pouco antes, um grupo de jovens cineastas franceses esteve na região e quis trabalhar com eles, observar os rituais de iniciação que são sempre muito complicados e muito bonitos. Para isso, não encontraram um modo melhor do que iniciar a si mesmos. Isso suscitou uma grande perturbação na população, e a maioria dos homens dizia: “não, é impossível, não podemos iniciar vocês, vocês não serão jamais tomas verdadeiros, pois vocês não vão passar toda a vida aqui, etc.”. Mas, apesar disso, acabaram encontrando entre a população um homem que aceitou iniciar um europeu, em troca de pagamento financeiro, é claro. Passaram três dias na floresta e ficaram muito contentes, porém, isso provocou uma grande perturbação na população, pois as pessoas não aceitavam de modo algum. A administração francesa foi alertada e a equipe de cineastas foi expulsa. Assim, ficou fora de questão que, em seguida, fôssemos perturbar a vida cotidiana daquelas pessoas e não foi possível realizar o trabalho de campo junto aos tomas. Pensamos, então, em uma outra população que igualmente era especialista na cultura do arroz, os baga, que ocupam o litoral da Costa de Guiné, ao norte de Conacri. Assim, fomos aos baga em 1954. Essa foi uma estadia muito interessante, mas muito difícil. Inicialmente, tudo ia bem. Ao chegarmos em Conacri, fomos alojados por um médico africano que havíamos conhecido em Kissibogu e com quem tínhamos simpatizado, mas esse médico estava na liderança de um sindicato que discordava do governo. Fomos, em seguida, considerados pela administração como pessoas suspeitas, perigosas, que deveriam ser vigiadas. O fato de irmos do Museu do Homem, considerado um antro de comunistas, já era um mau indício. Portanto, as coisas não iam muito bem. Aliás, isso era esperado, pois ao chegarmos num vilarejo dos bagas fomos acolhidos pelo chefe, que era um antigo fiscal de aduanas que a administração*

colocara como chefe do vilarejo. Ele tinha voltado há pouco ao vilarejo e se opunha aos velhos e notáveis da região, e estávamos alojados por esse chefe, no pátio de sua habitação, ao lado de sua casa. Portanto, éramos mal vistos tanto pelos habitantes do vilarejo quanto pelo chefe, que considerava-nos como espiões da administração. Nada ia muito bem, mas permanecemos ainda assim três meses. Todos brigavam com todos. Em seguida, ficamos em outro vilarejo e, novamente, essa foi uma estadia muito difícil, mas muito interessante. Em um dado momento, o jovem informante que nos servia também de intérprete nos foi retirado, sua família se opôs ao seu trabalho para os europeus. Essa foi a única vez em que isso aconteceu. Não me arrependo absolutamente dessa estadia junto aos baga, considero mesmo que ela foi muito interessante. E isso por causa das condições difíceis nas quais tivemos de trabalhar.

Miriam: E depois, vocês foram aos betê?

Denise: *Em 1958, dessa vez iríamos dar continuidade às enquetes e ali tudo foi bem melhor, fomos à Costa do Marfim, junto aos betê, uma população situada a oeste da Costa do Marfim mas em contato com a Guiné. Pensávamos estender um pouco mais as informações e enquetes que tínhamos feito junto aos kissi, notadamente as concernentes à iniciação que é a grande preocupação nessa região. Dessa vez, fomos muito bem acolhidos por um administrador que tínhamos conhecido em Paris e que havia trabalhado conosco no Museu. Desse modo, as condições de trabalho foram completamente diferentes e, por exemplo, essa foi a única vez, em todas as minhas estadias na África, que dispusemos de um carro com chauffeur. (risos)*

Miriam: Como faziam antes, quando não dispunham de um carro?

Denise: *Em 45/46, junto aos kissi, depois da guerra, não havia gasolina e existiam poucos carros. Tínhamos ótimas relações com a administração local. O administrador ou o nosso amigo médico, quando iam a um vilarejo, ofereciam-se para nos levar e depois nos virávamos com os comerciantes locais, notadamente os comerciantes libaneses, que circulavam de uma região à outra. Na região dos kissi, caminhávamos. Os vilarejos não eram muito distantes um do outro e me lembro notadamente de um périplo, um grande circuito que fizemos a pé, que nos tomou 15 dias e foi absolutamente apaixonante. Eram vilarejos que, praticamente, jamais tinham visto europeus e, além disso, a região é muito bonita.*

ILHA

Miriam: Como foi seu último trabalho de campo?

Denise: *Minha última estadia foi junto aos atier. Lá fui sozinha, pois a saúde de meu marido não lhe permitia mais ir à África. Escolhi dessa vez os atier, uma população lacustre próxima da fronteira com o Gana que, como todos os lacustres, se dizem matrilineares. Ora, tinha sempre trabalhado com populações matrilineares e patriarcais e teria gostado de ver como era (uma população matrilinear), notadamente se a condição da mulher era diferente do fato dos raios de transmissão serem diferentes. Devo lhe dizer logo que fui surpreendida, pois as mulheres atier são, na prática, muito menos livres que as mulheres bété que tinha conhecido anteriormente, mesmo sendo os bété uma sociedade fortemente patriarcal. Entendi rapidamente o que ocorria: acontece que a habitação dos atier é bem agrupada, lidamos com grandes vilarejos, de mais de 1500 habitantes, não muito distantes uns dos outros. Desse modo, as filhas são casadas no próprio lugar com alguém de uma linhagem diferente da sua, de acordo com a exogamia, mas permanecem sob o olho de suas famílias, notadamente do seu tio materno que é o chefe do seu vilarejo. Além disso, elas são vigiadas também por sua sogra, de modo que as mulheres atier são muito menos livres que as mulheres bété que casam com um homem que habita a muitos quilômetros de sua casa de origem.*

Miriam: Em que ano se deu a viagem aos atier? Em 1960 a senhora organizou e publicou um livro sobre as mulheres na África, bem antes dos anos 70 quando o feminismo penetrou na Antropologia. Gostei muito de sua reflexão nesse livro quando conta de uma tarde em que pensava que se tratavam de “pobres mulheres que não paravam de trabalhar”, e que as escutou comentando como lamentavam “esta pobre moça que passa o dia todo escrevendo”. No seu livro sobre a literatura oral, a senhora fala muito das mulheres. Por outro lado, não vejo as teorias feministas tendo, na França, a mesma grande importância que tiveram nos Estados Unidos, na Antropologia. Como a senhora vê isso?

Denise: *Vivi entre os atier em 1968. É necessário precisar antes de tudo que não sou nem nunca fui feminista. Acho que as mulheres não tem que desejar ser iguais aos homens, elas são o que são, e não é pouco. Mas lamento, evidentemente, que os antropólogos em geral tenham trabalhado pouco com as mulheres. Eu mesma queria ter trabalhado um pouco mais com elas, afinal são a metade da população do mundo todo, mas constatei que era mais difícil, por causa da língua, pois as mulheres em geral não falam o francês. É preciso dizer que a pesquisa em etnologia se faz em francês, todos*

sabem. E, por outro lado, as mulheres são bem mais ocupadas, elas trabalham muito, muito mais do que os homens e, portanto, não têm tempo para responder a perguntas que lbe parecem totalmente sem interesse. Não pude trabalhar muito com as mulheres e me arrependo disso.

Miriam: Porque a senhora não retornou a campo?

Denise: *Você sabe, tenho trabalho suficiente em Paris. Fiquei presa ao meu ensino na Escola de Altos Estudos e, por outro lado, considerava que deveria deixar lugar aos mais jovens. Então, comecei a trabalhar bastante com os contos, pois pensava e penso ainda, que eles podem ser um elemento de informação importante sobre uma sociedade. Quero dizer que o conto pode ter uma existência quase universal, ser um tema disseminado, mas que cada sociedade o adapta às preocupações que lbe são próprias. Desse modo, o conto pode ajudar a uma melhor compreensão da sociedade.*

Miriam: Concorde, então, com a interpretação de Pierre Alexandre, no artigo publicado nos “Cadernos de Estudos Africanos” de que sua obra passou por dois momentos: uma de campo e outra sobre a literatura oral? Em que a senhora está trabalhando nesse momento?

Denise: *Retomei antigos documentos. Confesso que não trabalho muito. Nesse momento me ocupo principalmente em publicar os trabalhos de meu marido e isso me absorve muito.*

Miriam: A senhora considera que teve outros mestres na sua vida, além de Mauss? A partir dos anos 30, surgiram vários movimentos teóricos na França e no mundo. Como a senhora se localizaria, teoricamente falando?

Denise: *Houve, evidentemente, o estruturalismo, Lévi-Strauss, esse foi o único movimento importante. E, se houve alguém que teve muita importância, foi Leroi Gourban, que insistiu muito sobre a necessidade de estudar as técnicas antes de se voltar quase que exclusivamente para a pré-história.*

Miriam: A senhora se sente próxima do estruturalismo?

Denise: *Sempre permaneci próxima do campo, minha primeira preocupação sempre foi a de ver qual era o interesse das pessoas ao lado das quais me encontrava e como*

elas o exprimiam. É assim que os kissi são as pessoas do arroz ("les gens du riz"), entre os bété o homem ideal é o guerreiro, o herói, etc. Sou uma etnógrafa de campo e, apesar de tudo, precisamos de etnógrafos de campo.

Miriam: A senhora ensinou durante vários anos na Escola de Altos Estudos. E, como disse na nossa primeira entrevista, faz parte da primeira geração de antropólogos franceses. Gostaria que falasse de seus estudantes e das gerações que vieram em seguida.

Denise: *Meu primeiro estudante, com o qual guardei laços estreitos, era um africano da Costa do Marfim que se chamava Nia Goram (sic), e que depois tornou-se professor na Universidade de Abdjian. Sou muito orgulhosa dele. Tive outros estudantes que eram lingüistas atraídos pelo estudo do folclore, de contos e de mitos, mais próximos da lingüística. Penso ter podido lhes ajudar um pouco. Orientei muitas dissertações de doutorado (troisièmes cycles), não lembro se teses de Estado. Participei de muitas bancas, evidentemente. Não posso citar os nomes dos meus estudantes, eles evoluíram para coisas diferentes.*

O mundo contemporâneo sob a ótica de uma africanista

Miriam: Qual é a sua opinião sobre o que se passa na África nesse momento?

Denise: *É muito triste. Isso me deprime, evidentemente, e me faz perguntar o quê os europeus foram fazer na África. Por um lado, a evolução é inevitável, um dia eles teriam de reencontrar a marcha geral da humanidade. Mas confesso que, para mim, é bem triste. (emocionada)*

Miriam: Como a senhora vê toda essa polêmica que está ocorrendo em torno do Museu do Homem? O presidente Chirac quer transformá-lo num Museu de Arte "Primeira", separando os objetos de uso cotidiano dos objetos de arte propriamente ditos?

Denise: *Creio que as coisas aconteceram de modo um pouco exagerado. Que o senhor Chirac queira ter uma galeria no Louvre, acho que ele pode ter algumas vitrines. O Museu do Homem tem sua razão de ser e, afinal, se o Museu Guimet é consagrado à Ásia, porque não pode haver um Museu consagrado à África e à Oceania sem negligenciar o lado estético. O que já é reconhecido, pois existem vitrines no Museu do*

Homem que expõem "belos objetos" sem a preocupação com o seu interesse etnológico, pelo simples valor artístico. Penso que os etnólogos são capazes de reconhecer as qualidades artísticas dos objetos e que as duas coisas não se anulam uma a outra. Isso dito, seguramente que uma renovação no Museu do Homem se impõe.

Notas

1) Esta entrevista faz parte da pesquisa realizada por Miriam Grossi sobre a Antropologia Francesa Contemporânea através do olhar das mulheres antropólogas.

2) NT: Bac é o exame de final de segundo grau na França, equivalente ao nosso vestibular no Brasil. (Nota da Tradutora)

3) Sobre o significado do dote para as moças francesas do início do século e as mudanças radicais que ocorreram após a II Guerra Mundial ver a excelente pesquisa de Cláudia Fonseca - "Solteironas de fino trato".

4) NT: *Pigier* no original (Nota da Tradutora).

5) Ver a este respeito Mariza Corrêa - "O espartilho de minha avó", em *Horizontes Antropológicos*.

6) Deborah Lifchitz morreu num campo de concentração.